

PROFESSORES E PROFESSORAS DEVERIAM SER MAIS RESPEITADOS DENTRO E FORA DA ESCOLA”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS ACERCA DA DOCÊNCIA MASCULINA

Leonardo Alves de Oliveira¹
Josiane Peres Gonçalves²

Resumo: O estudo objetivou identificar as representações sociais de crianças que vivem e estudam no Mato Grosso do Sul a respeito da atuação de professores homens no Ensino Fundamental, bem como a respeito do/a profissional docente, de modo geral. Para tal, instrumentos de pesquisa que envolveram três modalidades de linguagem (oralidade, desenho e escrita) foram utilizados com 24 crianças, com idade de 8 a 10 anos, de quatro municípios sul-mato-grossenses. Os resultados revelaram representações de que os professores homens são profissionais bravos e que ensinam. Mas as crianças representam predominantemente professores e professoras de modo mais geral, de uma forma que as representações sejam primeiro relacionadas à profissão antes de serem representações de gênero. As representações predominantes com relação a professores/as foram as de que eles/as são profissionais que ensinam e que gritam na escola.

Palavras-chave: Representações Sociais; Pesquisa com crianças; Professores homens.

“Teachers and teachers should be more respected in and out of school”: social Representations of children about teaching

Abstract: The study aimed to identify the social representations of children who live and study in Mato Grosso do Sul regarding the performance of male teachers in elementary school, as well as about the teaching professional, in general. To this end, research instruments that involved three language modalities (orality, drawing and writing) were used with 24 children, aged 8 to 10 years, from four municipalities in the state of Mato Grosso. The results revealed representations that male teachers are brave and teaching professionals. But children predominantly represent male and female teachers more generally, in a way that representations are first related to the profession before they are gender representations. The predominant representations regarding teachers were that they are professionals who teach and scream at school.

Keywords: Social Representations; Researches with children; Male teachers.

¹ Secretaria Municipal de Educação de Naviraí (MS) (iamsfabuleous@hotmail.com)

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (josiane.peres@ufms.br)

INTRODUÇÃO

Com “A Psicanálise: sua imagem e seu público”, originalmente publicado em 1961, Serge Moscovici, considerado pai da teoria das representações sociais, inicia uma expansão nos estudos da referida teoria. Sua investigação sobre como a psicanálise embrenhou-se no pensamento francês permitiu que as representações sociais pudessem ser estudadas e investigadas adotando-se novos sujeitos e novos objetos. Embora estudiosos da área e o próprio precursor da teoria tenham admitido a inexistência de um conceito fechado para as representações sociais e que este seja um “domínio em expansão”, nós as entendemos aqui como formas de conhecimento que servem como instrumentos para responder aos problemas do cotidiano (MOSCOVICI, 2012) e como conhecimentos práticos socialmente elaborados e compartilhados, constituídos a partir das nossas experiências e das informações e modelos de pensamento que recebemos e transmitimos através da tradição, educação e comunicação (JODELET, 2001).

Como forma de conhecimento, as representações sociais distinguem-se da ciência, da arte, da filosofia, da religião, etc. Entretanto, sua praticidade e seus processos permitem-nos compará-las à finalidade da ciência. Algumas produções de Ibáñez (1988) supõem que

[...] las representaciones producen los significados que la gente necesita para comprender, actuar y orientarse en su medio social. En este sentido, las representaciones actúan de forma análoga a las teorías científicas. Son teorías de sentido común que permiten describir, clasificar y explicar los fenómenos de las realidades cotidianas, con suficiente precisión para que las personas puedan desenvolverse en ellas sin tropezar con demasiados contratiempos. En definitiva, las representaciones sociales parecen constituir unos mecanismos y unos fenómenos que son estrictamente indispensables para el desarrollo de la vida en sociedad (IBÁÑEZ, 1988, p. 55).

Devido à sua característica de caráter prático, as representações sociais estão imersas no cotidiano. Ou o cotidiano está imerso em representações sociais? O fato é que por estarem “espalhadas” “[...] na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais” (SÁ, 1998, p. 20), os fenômenos de representações sociais são, naturalmente, “[...] difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social” (SÁ, 1998, p. 20), e por isso não podem ser captados completamente pela pesquisa científica,

demandando, portanto critério e rigor nos processos de coleta e análise dos dados.

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE) da UFMS tem desenvolvido pesquisas relacionadas às representações sociais da atuação profissional do professor homem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Com relação aos pais de alunos, as pesquisas realizadas evidenciaram uma nítida atribuição de papéis antes considerados da família aos profissionais da educação, em representações do “professor pai”, da “professora tia e/ou mãe” da necessidade de um “instinto maternal”, entre tantos outros (FARIA, OLIVEIRA, GONÇALVES, 2015; OLIVEIRA, FARIA, GONÇALVES, 2015). Pesquisando diversos atores envolvidos na miscelânea escolar local, o grupo sentiu a necessidade de ouvir as crianças ao desenvolver uma pesquisa de âmbito estadual, pois elas lidam diretamente com os professores/as e isso pode significar uma identificação mais perceptível de representações ou, até mesmo o contrário, a ausência de representações devido ao contato direto com aquilo que para outros atores envolvidos na educação pode ser incomum ou não-familiar. Além disso, como consideramos a atuação profissional de professores homens na Educação Infantil e no Ensino Fundamental como objeto de representação, não podemos ignorar as crianças como sujeitos a serem pesquisadas, pois é possível que os pesquisadores percam a chance de estudá-las somente por não ter adotado determinado conjunto social como sujeito que possui suas próprias representações sociais (SÁ, 1998).

Nesse contexto, para a realização das investigações tivemos como objetivo identificar as representações sociais de crianças que vivem e estudam no Mato Grosso do Sul a respeito da atuação de professores homens no Ensino Fundamental, bem como a respeito do/a profissional docente, de modo geral, pois em experiências anteriores foi inevitável não encontrarmos representações sociais de gênero e/ou associadas à atuação de professoras mulheres.

METODOLOGIA

Os sujeitos adotados nesta pesquisa são crianças: doze meninos e doze meninas matriculados(as) nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas do estado de Mato Grosso do Sul, alunos/as de professores homens. As crianças formam um dos grupos taxonômicos³ adotados em pesquisa realizada

³ Reunião de sujeitos individuais sob uma mesma classificação.

pelo GEPDGE em municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Na verdade, essa classificação deve ser refletida, pois as crianças de cada escola em que se desenvolveu a pesquisa passam boa parte do tempo juntas, portanto convivem num grupo social com menor capacidade de individualizar os sujeitos se considerarmos grupos taxonômicos como familiares de alunos de professores homens, por exemplo.

Os municípios selecionados para a realização da pesquisa foram Campo Grande, Corumbá, Itaquiraí e Tacuru. O critério inicial para a seleção foi a presença de professores homens nas instituições de Educação Infantil dos municípios. Devido à presença mínima de homens nessa etapa de ensino, verificamos sua presença e em caso afirmativo o município poderia ser considerado local de pesquisa, pois poderiam ser entrevistados (além dos outros sujeitos de pesquisa do GEPDGE, como familiares e gestores escolares) também os professores homens da Educação Infantil.

Um critério foi utilizar Campo Grande como local de pesquisa por ser a capital do estado, um município com mais habitantes, características que supostamente poderiam diferenciar dados obtidos em municípios do interior. Outro critério foi não selecionar cidades muito próximas como local de pesquisa. Os municípios mais próximos são Tacuru e Itaquiraí, que são separados por 122 km.

Em cada município realizamos a pesquisa de campo em escola de Ensino Fundamental. As etapas da pesquisa de campo foram: seleção (realizada por professores/as da sala ou gestores/as da escola) de seis crianças (meninos e meninas em igual número) de turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental em que há professor homem (preferencialmente professor regente); gravação em vídeo de entrevista-conversa com crianças em local escolhido pelos/as gestores/as da escola; produção, pelas crianças, de desenhos e/ou redações relacionados a professores homens e/ou mulheres; e finalmente, gravação de conversa individual com crianças a respeito de seus desenhos.

Com os instrumentos de pesquisa buscamos explorar novos suportes de representações sociais além das (entrevistas-)conversas, portanto desenhos e escritas infantis também foram utilizados como instrumentos de coleta de dados. A escolha desses instrumentos foi influenciada por reflexões, considerações e experiências de pesquisadores engajados em pesquisas e projetos na área da sociologia da infância (SARAMAGO, 2001; DELGADO e MÜLLER, 2005;

SARMENTO, 2011; GOBBI, 2012; BORDIN e BUSSOLETTI, 2014) e que demonstraram interesse em buscar caminhos de pesquisa com crianças que compreendam e valorizem as infâncias sem grandes interferências negativas de perspectivas adultocêntricas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Jodelet (2001) variados são os suportes de representações sociais, elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, mensagens, condutas. Este trabalho buscou identificar como as crianças caracterizam professores homens dos anos iniciais do Ensino Fundamental e indiretamente encontrou também representações de professores e professoras de um modo geral. Essas caracterizações foram identificadas por meio de suportes diferentes, com diferentes linguagens: entrevistas-conversas gravadas em vídeo e transcritas; desenhos; redações; e conversas gravadas e transcritas sobre as produções infantis.

A diversidade de instrumentos de coleta de dados justifica-se pela intenção de obter um retrato mais fiel de como crianças caracterizam os profissionais docentes na etapa da educação em que estudam, pois realizar uma pesquisa com crianças exige um certo distanciamento da posição de adulto do pesquisador (DELGADO, MÜLLER, 2005) e um olhar atento no sentido de não desconsiderar que os sujeitos de pesquisa encontram-se em uma etapa diferente da vida, o que demanda a configuração de modos de pesquisa distintos dos usados com adultos.

Os modos de existência ou os sentidos de ser e estar no mundo dos sujeitos que pesquisamos nem sempre correspondem as nossas interpretações, desejos e anseios. É apressado conferir sentidos de verdade para os outros/as ou construir nossos discursos sobre educação, infância e pesquisa usando apenas um tipo de narrativa, que às vezes se pretende universal. Ao longo de nossa formação pessoal e profissional construímos diversas perguntas e respostas sobre a realidade, esquecendo, outrossim, o quanto a realidade é dinâmica e instável. Nosso maior desafio é construir uma dinâmica de estranhamento e proximidade com as crianças, com nossas investigações, com as análises e tipos de escrita que priorizamos (DELGADO, MÜLLER, 2005, p. 165).

As autoras alertam sobre a importância de não impor nossas interpretações da realidade às crianças, pois mesmo que não tenham completa autonomia no processo de socialização e que não produzam cultura num vazio social, elas

possuem suas próprias interpretações em seus próprios sistemas organizados, ou seja, culturas infantis. Em estudos que buscam identificar representações sociais, essas interpretações distintas sobre um mesmo tópico são relevantes.

Delgado e Müller (2005) criticam uma ciência moderna com discurso androcêntrico que ao mesmo tempo em que valoriza a racionalidade, desvaloriza ou valoriza menos os sentimentos e as subjetividades. As autoras argumentam que o discurso moderno caracteriza-se pela generalidade e universalização e que por contemplar uma voz racional preferem elaborar análises “sobre” as crianças e não “com” as crianças.

O trabalho das autoras ajuda a compreender que as subjetividades das crianças devem ser valorizadas nas pesquisas que as envolvam. Consideramos, portanto, que mesmo imersas numa sociedade adulta com representações sociais, as crianças interpretam e agem na realidade de maneiras singulares.

Como as representações sociais apresentam uma espessura e relevância social (SÁ, 1998) destacamos como tais aquelas que foram identificadas com maior frequência e no maior número de municípios pesquisados. Entretanto, em respeito às caracterizações que cada criança conferiu aos/às professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pelas possibilidades de desenvolvimento de novas pesquisas na área, para uma visão integral dos resultados obtidos, e para não reproduzir uma forma de tratamento de dados que conserve exclusivamente uma subjetividade coletiva e massificada, apresentaremos tabelas que sistematizam cada característica.

No maior número de municípios e com maior frequência, as crianças caracterizaram os professores homens dos anos iniciais do Ensino Fundamental como profissionais bravos/durões e que ensinam. As características específicas relacionadas aos professores homens estão bem espalhadas pelos municípios pesquisados, porém as duas representações citadas foram mais frequentes tanto na maioria das cidades quanto nos meios utilizados para identificá-las.

Buscando adaptar as entrevistas realizadas com adultos no contexto do GEPDGE, elaboramos tópicos para conversar com as crianças em grupo, algo bastante próximo das entrevistas semiestruturadas, mas coordenado de modo que as crianças tivessem várias oportunidades de falar sobre um mesmo tópico.

A entrevista-conversa distingue-se da entrevista não estruturada pelo facto de ser orientada por grandes blocos temáticos

intercomunicáveis que permitem uma deambulação temática que se afigura constantemente pertinente e lógica, porque todos os temas planeados têm pontos de comunicabilidade, mais ou menos evidentes e mais ou menos fáceis de conduzir e orientar (SARAMAGO, 2001, p. 14).

Abaixo, exemplos das conversas que foram gravadas e que indicam as representações sociais de que os professores homens dos anos iniciais do Ensino Fundamental são profissionais bravos/durões e que ensinam.

“Os professores são mais rigorosos.” [...] mais bravos. (Criança do 5º ano do EF de Tacuru).

“[...] Porque ele bate na mesa e aí coloca atrás da porta.” Outra criança interrompe: “Mentira, que não coloca, coloca lá na frente, fica parecendo um palhaço.” Outra criança interrompe: “Todo mundo riu, falando ‘Olha o palhaço!’” (Crianças do 2º ano do EF de Corumbá justificando porque não gostariam de ser professores).

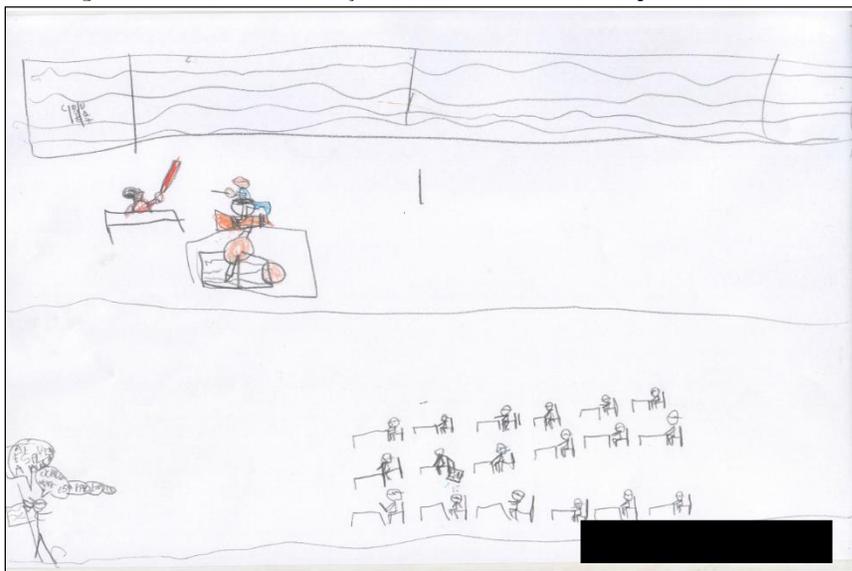
“Pra ensinar. Pra ensinar aqueles que não tão sabendo passar de ano, quando passar de ano aí vai saber mais.” (Criança do 2º ano do EF de Corumbá falando sobre as funções dos professores homens)

Após a realização das entrevistas-conversas, convidamos as crianças a desenharem professores e professoras, contemplando como eles/as são, quais são suas características e funções, para que eles/as servem. Adotamos os desenhos como instrumentos, pois conforme a utilização desses tornou-se mais frequente em pesquisas com crianças, autores apontaram que eles são importantes fontes de acesso às culturas das infâncias, artefatos culturais e sociais que resultam de diferenciados processos culturais de aprendizagens e condições de produção (BORDIN; BUSSOLETI, 2014), e uma das formas (mais) importantes de expressão simbólica das crianças, tendo em vista que precede a comunicação escrita e assim como esta transporta formas infantis de apreensão do mundo (SARMENTO, 2011; GOBBI, 2012).

No processo de pesquisa algumas crianças desenharam e escreveram e após termos realizado as atividades em três dos quatro municípios, no último deles, as crianças solicitaram escrever ao invés de desenhar, algo que não podíamos e nem pretendíamos ignorar, tendo em vista que ninguém melhor do que as próprias crianças saberiam suas formas mais eficazes de se expressar e com as quais se sentiriam mais confortáveis. Uma estratégia que se mostrou essencial foi a conversa individual com cada criança após e sobre a produção do desenho e/ou

da redação, pois nesse momento elas apresentavam suas próprias interpretações sobre os produtos e revelavam informações que apenas a observação do pesquisador não poderia captar. Seguem abaixo exemplos de desenho, redação e conversa individual sobre produção em que as crianças expressaram que os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental são profissionais bravos/durões.

Figura 1: Desenho de criança de 3º ano do EF de Campo Grande MS.



Fonte: Autores (2019).

O desenho acima é composto por duas partes. Na parte superior a criança desenha uma professora numa sala de aula e na parte inferior, um professor também numa sala de aula. Na conversa individual com a criança após a produção do desenho, conversamos sobre ambos os professores. Abaixo, dois trechos da conversa individual com o autor do desenho, o primeiro sobre a parte superior do desenho e o segundo sobre a parte inferior.

Pesquisador: Pra que [...] serve a professora mulher aqui nesse desenho?

Criança: Pra ensinar.

Pesquisador: E o que que ela tá fazendo com essa coisa vermelha aqui?

Criança: É uma régua! [...] Ela tá apontando pra perguntar pros alunos “Ah, pan pá pan pá pan pá”.

Criança: [...] Ele (professor) deu bronca num aluno porque ele, um “muleque”, tava mexendo com cartinha no meio da aula.

Pesquisador: Mas é pra isso que o professor homem serve?

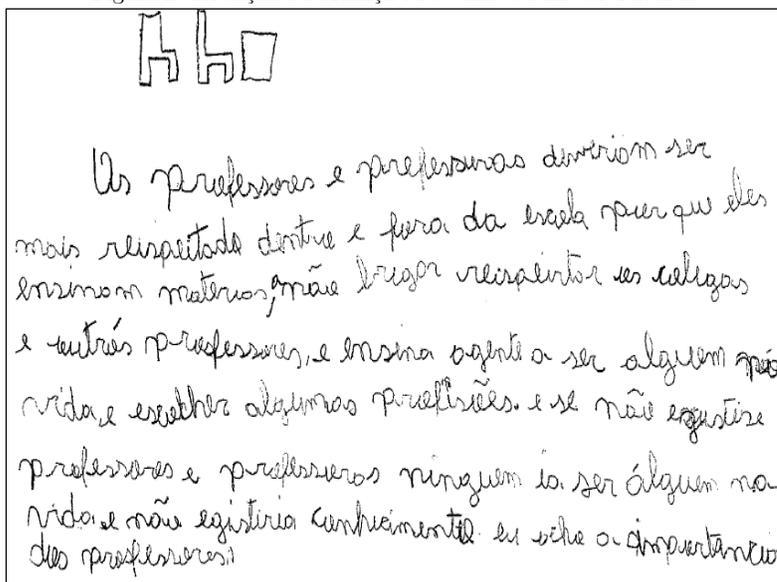
Criança: Também pra ensinar, por exemplo, o professor Anderson (nome fictício), já ensinou pra gente da Tarsila do Amaral, do Cuinti Culinário (provavelmente Cândido Portinari), não me lembro se era isso, e de outros artistas que eu não lembro.

Sem a própria explicação da criança, jamais poderíamos descobrir que as falas nos balões posicionados ao lado do professor significam que ele está chamando a atenção de um menino que estava brincando num momento inapropriado. Por estar no 3º ano, período de alfabetização, é aceitável que os escritos no balão estejam incompreensíveis, interpretaríamos os desenhos como docentes, sendo um homem e uma mulher, em situações educativas em suas salas de aula. Em trecho de sua redação, uma criança de Tacuru escreveu:

[...] o professor homem ele é mais firme com os alunos ele pega no pé dos alunos desconta a nota do aluno que tá bagunsando ou tá conversando com os amigos ele fica nervoso e fica muito bravo com os alunos que tá fora da sala ou da carteira ele leva para a diretora.

As crianças caracterizaram muito mais os/as professores/as de forma geral do que os professores homens, especificamente. Logo, a representação de que docentes ensinam é algo que as crianças atribuem aos professores e professoras. Essa foi a maior característica que as crianças atribuíram a todos/as os/as professores/as e fizeram isso por meio de todos os instrumentos utilizados na coleta de dados. Abaixo seguem duas das evidências de que as crianças atribuem a função/característica ensinar a professores e professoras.

Figura 2: Redação de criança de 5º ano do EF de Tacuru.



Fonte: Autores (2019).

Abaixo, trecho de uma conversa individual com criança de 2º ano do Ensino Fundamental de Corumbá em que professores e professoras foram caracterizados como profissionais que ensinam.

Criança: Eles (professores homens) são muito legal e ele ensina nós.

Pesquisador: E as professoras mulheres, elas servem pra quê?

Criança: Pra fazer faculdade [...] porque elas são muito legal, daí ela ensina nós pra nós não ficar burro.

As tabelas a seguir sistematizam as características atribuídas a professores homens e a professores/as de anos iniciais do Ensino Fundamental de modo geral.

Tabela 1: Características Atribuídas aos Professores Homens nos Anos Iniciais do EF.

CARACTERÍSTICAS	MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO					
	ENTREVISTA.C.		DE SENHO/REDAÇÃO		C. INDIVIDUAL	
	F	M	F	M	F	M
Ensinam mais	1	T			1	T
Não deixam os alunos bagunçarem	1	T	1	T		
São mais exigentes	4	T	4	T	1	T
Bravos "Duros"	3	C; I; T	3	CG; T	3	CG; I; T
Mais respeitados	1	T	2	T	1	T
Controlam o comportamento dos alunos			2	T		
"Chatos"			2	T		
Saem muito da sala de aula			2	T		
São menos próximos dos alunos	3	CG	2	T		
Estudiosos/Inteligentes	3	C				
"Legais"	1	C				
Ensinam	1	C	4	I	6	C; I
São mais próximos das crianças	1	I				
Preparam as crianças para o ano escolar seguinte			1	I		

Fonte: Autores (2019).

Tabela 2: Características Atribuídas a Professores(as) dos Anos Iniciais do EF

CARACTERÍSTICAS	MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO					
	ENTREVISTA-C.		DESENHO/REDAÇÃO		C. INDIVIDUAL	
	F	M	F	M	F	M
Passam tarefa	4	C; I; T	1	CG	2	CG
São exigentes	1	T				
Ensinam	8	C; CG; I; T	8	C; CG; I; T	11	C; CG; I; T
Estimulam a formação de novos professores	1	T	1	T		
São responsáveis pela formação dos demais profissionais	1	T	2	T	1	CG
Ensinam a ler e escrever (especificamente)	4	C; CG; T			3	C; CG; I
Fazem faculdade/Estudam	6	C; CG; I; T			1	I
Possuem o "controle da sala"	1	T				
Disciplinam os alunos	2	T			1	CG
Não deixam os alunos saírem da sala com frequência	1	T				
Não são suficientemente respeitados	4	C; CG; I	1	T		
Trabalham muito	1	I	1	T		
Divulgam o conhecimento			1	T		
Gritam	7	C; CG; I	1	CG	1	CG
São inteligentes	3	C; CG; I				
São pacientes	1	I				
Preparam as crianças para o ano escolar seguinte	4	C; CG; I; T				

Fonte: Autores (2019).

Legenda: Entrevista-C. - Entrevista-conversa; C. individual - Conversa individual; F - Frequência; M - Município(s).

Parece demasiadamente óbvio que as crianças indiquem que professores/as ensinam, entretanto, é importante mencionar que essa não foi uma característica tão destacada pelos adultos envolvidos nas pesquisas do GEPDGE sobre as representações sociais sobre a atuação profissional docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Nas pesquisas que envolveram adultos, como as de Gonçalves e Carvalho (2014), Gonçalves e Faria (2014), Faria, Oliveira e Gonçalves (2015), Gonçalves e Antunes (2015), Gonçalves et al.,

(2015), Oliveira, Faria e Gonçalves (2015), apenas, as representações sociais dominantes relacionadas aos docentes (homens especificamente) os associavam a uma figura paternal no ambiente escolar, a um temor de pedofilia, à inadequação com relação à docência, e a uma figura mais respeitada que as professoras. Desse modo, as crianças demonstraram, mesmo que não intencionalmente, conhecer e valorizar os profissionais docentes de forma mais acentuada.

Cabe salientar que os adultos entrevistados em pesquisas anteriores, especialmente os familiares das crianças, não apresentaram tanta evidência e geralmente justificava suas preferências por profissionais que proporcionariam maior disciplina e cuidados às crianças, de modo que o acesso aos conhecimentos produzidos e acumulados pela sociedade ficava em segundo plano.

Ainda comparando os resultados obtidos com os adultos, nota-se que as crianças, por atribuírem mais características comuns a professores e professoras, não estabelecem tantas comparações e relações entre profissionais, tendo em vista o gênero com os quais se identificam, como os adultos o demonstraram. Os adultos frequentemente expressavam suas opiniões de modo a comparar homens e mulheres e assim atribuir representações de gênero a professores e professoras. Entendido o gênero como uma construção social, a organização social das relações entre os sexos (SCOTT, 1995; LOURO, 1997), observamos que para a maioria dos adultos entrevistados nas pesquisas do GEPDGE, os gêneros, as funções e características sociais atribuídas aos sexos são fundamentais para representar os profissionais docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

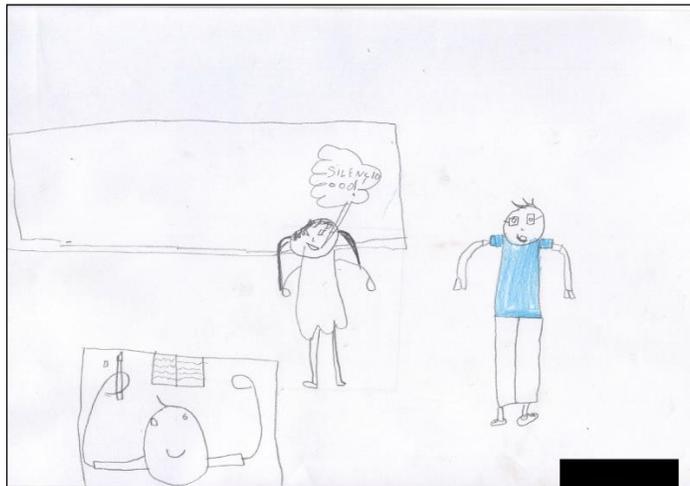
Se, por exemplo, o homem é menos paciente ou mais descuidado, ele é inadequado para atuar como professor, ou seja, características atribuídas ao homem e que na sociedade entendem-se como formadoras do masculino geram representações quanto à atuação de profissionais homens, nesse caso a de professores. Se os adultos estabeleceram essas relações, as crianças, por outro lado, predominantemente significaram o profissional docente de modo mais geral, sem considerar o gênero da docência. Algumas diferenciações que as crianças faziam entre professores e professoras se reduziam à beleza, ou seja, não tinha ligação intrínseca com a profissão: “as professoras são bonitas”, reforçando as representações e estereótipos da mulher na sociedade, de que deve ser bela e sempre se preocupar com a aparência (SABINO, BEZERRA, 2020).

Considerando a frequência e predominância de representações sociais nos municípios, de forma geral, as crianças representaram os/as professores/as como profissionais que ensinam, passam tarefa, ensinam a ler e a escrever (especificamente) e gritam. Em pesquisas anteriores verificamos que, de acordo com familiares de crianças matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e de gestores e professores homens nessas mesmas etapas de ensino, os professores são figuras com maior autoridade e respeito no ambiente escolar.

Em estudo recente, Rabelo (2013) apresenta representações sociais referentes à atuação de professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental identificadas a partir de entrevistas e questionários aplicados a professores homens brasileiros e portugueses. Dentre as representações/discriminações, várias já foram identificadas pelo GEPDGE, tais como: o homem é incapaz; a docência relacionada a crianças pequenas é uma profissão feminina; professores recebem baixos salários; possibilidades de assédio/pedofilia. Representações semelhantes são abordadas no artigo de Monteiro e Altmann (2013) que trata da trajetória de professores homens na Educação Infantil.

Embora em nossos estudos desenvolvidos no Mato Grosso do Sul a associação de profissionais homens à disciplina, regra e ordens seja bastante presente, na pesquisa de Rabelo (2013) há uma presença (estatística, ao menos) quase insignificante dessa representação. A autora dá alguns exemplos de que alguns pais preferem professores homens justamente devido a essas associações e esse foi um resultado relevante nas pesquisas anteriores. De qualquer modo é importante destacar que as crianças, mais do que quaisquer outros sujeitos considerados, expressaram essas ideias de ordem, disciplina, autoridade de forma mais acentuada e utilizando os termos e linguagens à sua disposição. Embora apenas os professores tenham sido representados como durões/bravos, as crianças atribuíram o “gritar” às mulheres e revelaram um cotidiano escolar marcado por situações educativas, óbvio, mas também por vários momentos em que os professores se alteram, de acordo com as crianças devido à bagunça especialmente dos meninos. É possível notar, a partir das representações sociais das crianças, que quando estão nervosos, os professores homens são bravos ou durões, contudo, não são eles, mas sim as professoras mulheres que gritam e muitas vezes perdem o controle em sala de aula.

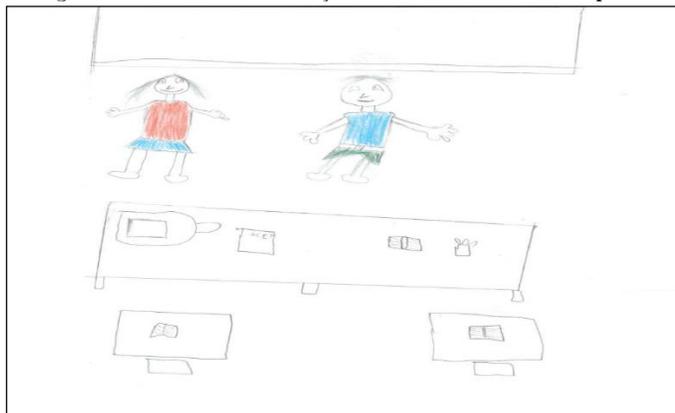
Figura 3: Desenho de criança de 3º ano do EF de Campo Grande.



Fonte: Autores (2019).

O autor do desenho a seguir desenhou um professor e uma professora em aula. Acompanhe a conversa individual com ele:

Figura 4: Desenho de criança de 5º ano do EF de Itaquiraí.



Fonte: Autores (2019).

Pesquisador: Pra que serve o professor?

Criança: Pra ensinar. [...]

Pesquisador: Você desenhou o professor e a professora juntos. Eles estão dando aula ao mesmo tempo?

Criança: Não, a professora só foi ajudar ele a dar aula. [...]

Pesquisador: Por que ele precisa de ajuda?

Criança: Os alunos são muito bagunceiros.

Podemos notar, por meio do relato da criança, a representação social de que o professor homem é a pessoa que lidera, que comanda e mantém o controle, enquanto que a mulher auxilia, colabora e participa de maneira secundária. Para Souza e Guedes (2016), com a divisão do trabalho, que historicamente predominou entre os sexos, foi atribuído à mulher o cuidado do lar, função praticamente invisível e de pouco valor social, enquanto que para o homem foi atribuída a função produtiva, considerada de prestígio e que confere poder dentro da sociedade. Na sala de aula as crianças pesquisadas reforçaram as representações de que o homem tem o poder e a mulher ajuda a cuidar dos/as alunos/as.

Ademais, os relatos das crianças que participaram da pesquisa demonstram cenários de salas de aula em que as crianças bagunçam e os professores reagem, no último exemplo a professora estava no desenho não essencialmente para coordenar uma situação educativa, mas para conter a bagunça. Nesse sentido, as crianças também assim representaram os professores homens como “bravos/durões”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluir as crianças como sujeitos de pesquisa em uma pesquisa estadual que buscou identificar as representações sociais relacionadas à atuação profissional de professores homens nos anos iniciais do ensino fundamental foi um passo relevante para obter uma visão mais ampla das representações e características atribuídas a esses profissionais, além de indicar aprendizagens, estratégias e necessidades de pesquisa.

Envolvidas com os professores homens mais do que quaisquer outros sujeitos de pesquisa já adotados pelo GEPDGE, as crianças demonstraram fazer predominantemente um caminho diferente de representação no que diz respeito à atuação do profissional docente, pois elas não atribuem características a homens e mulheres que desempenham a função de professores/as como os adultos, elas representam professores e professoras e na maioria das vezes de um modo geral, de um modo que supera as características, funções e papéis atribuídos a homens e mulheres.

A adoção de mais de uma modalidade de linguagem na coleta de dados mostrou-se importante para verificar permanências e frequências das representações das crianças, além disso, permitiu que todas as crianças de algum modo comunicassem o que pensam sobre os tópicos da pesquisa. Graças à criatividade das crianças as redações foram consideradas um instrumento de coleta de dados, um instrumento que se mostrou muito rico na expressão das suas opiniões. Com diversos instrumentos à disposição é possível fazer um confronto de dados, o que impossibilitou, por exemplo, atribuir determinadas representações apenas a professores homens.

A conversa sobre as produções das crianças mostrou-se eficaz e fundamental no processo de pesquisa, pois os pesquisadores poderiam perder informações importantes que apenas a leitura e interpretação das crianças sobre suas obras poderiam revelar.

Como esse é um estudo que buscou identificar representações, não possuía intenção nos estágios iniciais de explorar ou compreender a geração, formação, história ou permanência de representações sociais específicas com relação à atuação de professores homens do ensino fundamental. Conhecer as representações especificamente parece ser uma necessidade, especialmente se puderem ser pesquisadas com crianças, pelo fato de conhecerem os profissionais educadores e por não serem um alvo tão comum quanto os adultos em pesquisas do tipo.

As crianças revelaram um cenário escolar em que os professores, homens ou mulheres, devem lidar com muita bagunça, e nesse cenário perpassam as representações de professores homens durões, mas de professoras e professores que gritam, além de ensinarem. A revelação desse cenário novo demonstrou a importância de desenvolver a pesquisa com as crianças de modo a avançar na montagem do quebra-cabeça das representações sociais dos profissionais docentes que atuam com crianças no Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

BORDIN, Francine Borges; BUSSOLETTI, Denise. Desenhos infantis e culturas da infância e a pesquisa em educação. *Educativa*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 439-452, jul./dez. 2014.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, 2005.

IBÁÑEZ, Tomás. **Ideologías de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai, 1988.

FARIA, Adriana Horta de; OLIVEIRA, Leonardo Alves; GONÇALVES, Josiane Peres. Famílias de crianças da educação infantil e suas representações sobre o trabalho de homens professores. 8º Encontro Internacional de Formação de Professores - ENFOPE e 9º Fórum Permanente de Inovação Educacional. Anais... Aracaju: Unit, 2015, p. 1-15. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1237> Acesso em: 7 ago. 2019.

GOBBI, Marcia. **Desenhos e fotografias**: marcas sociais de infâncias. *Educar em Revista*, v. 43, p. 135-147, 2012.

GONÇALVES, Josiane Peres; ANTUNES, Jéssica Barbosa. Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.6, n.16, 2015, p.134-153.

GONÇALVES, Josiane Peres; CARVALHO, Viviane de Souza Correia de. O que pensam os homens professores que trabalham com crianças? Análise de suas representações sociais. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**. Naviraí MS, v.1, n.2, jul-dez. 2014, p. 34-49.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta de. O que dizem as famílias sobre homens professores trabalhando com crianças de 0 a 3 anos? Análise de suas representações sociais. In.: FERREIRA, G. B (Org.) **Pesquisa(s) em educação**: múltiplos olhares. Curitiba, PR. CRV, 2014, p.281-293.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta de; BEZERRA, Fernanda Correia; OLIVEIRA, Leonardo Alves; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim dos. O trabalho de homens professores com crianças de educação infantil: as representações sociais dos gestores escolares. **Itinerarius Reflectionis**. Jataí GO, v. 11, n. 1, 2015, p. 1-19. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/viewFile/35108/18724> Acesso em 12 ago. 2019.



JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17- 44, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. 36ª Reunião Nacional da ANPED. Goiânia 2013. 36ª Reunião Nacional da ANPED. **Anais...** Goiânia: ANPED, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2689_texto.pdf Acesso em 10 ago. 2019.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Leonardo Alves; FARIA, Adriana Horta de; GONÇALVES, Josiane Peres. Representações sociais de familiares a respeito da atuação profissional de professores homens nos anos iniciais do ensino fundamental. 8º Encontro Internacional de Formação de Professores - ENFOPE e 9º Fórum Permanente de Inovação Educacional. **Anais...** Aracaju: Unit, 2015, p. 1-15. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1265> Acesso em: 7 ago. 2015.

RABELO, Amanda Oliveira. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez. 2013, p. 907-925.

SABINO, Rosimeri Ferraz; BEZERRA, Antônio Ponciano. Personagens de folhetim: estereótipos e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 143-157, jan./abr. 2020.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SARAMAGO, Sílvia Sara Sousa. SARAMAGO, Sílvia Sara Sousa. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 35, p. 9-29, abr. 2001. Disponível em



http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 28 ago. 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p. 27-60.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez, p. 71-79, 1995.

SOUSA, Luana Passos; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, ago., 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf> Acesso em: 18 nov. 2020.

Recebido em 1º de agosto de 2020.

Aprovado em 4 de fevereiro de 2021.